

Laboratório de Ensino

“CONCEPÇÃO PSICANALÍTICA DO TRANSTORNO PSICOGÊNICO DA VISÃO” (1910), “TIPOS DE ADOECIMENTO NEURÓTICO” (1912), “INTRODUÇÃO A PSICANÁLISE DAS NEUROSES DE GUERRA” (1919) E “O EU E O ISSO (1923)”

Ana Clara Cruz Lopes (Graduanda em Psicologia pela Universidade Federal Fluminense – UFF- Niterói. Atualmente é bolsista de Iniciação Científica pela FAPERJ, sob orientação da Profa. Flavia Lana Garcia de Oliveira. A produção deste texto faz parte desta atividade de pesquisa).

A elaboração deste texto teve como objetivo registrar os estudos realizados ao longo do primeiro período de 2023 na atividade de pesquisa “Os fundamentos conceituais da teoria da clínica psicanalítica e suas aplicações diante dos desafios contemporâneos”, orientada pela Profa. Flavia Lana. Nesse tempo, buscou-se investigar o desencadeamento de uma neurose, a formação e manifestação de seus sintomas, assim como o caráter estruturante do complexo de Édipo nas psicopatologias neuróticas. Para isso, foram utilizados alguns dos textos iniciais freudianos, dentre os quais se destacam *Concepção psicanalítica do transtorno psicogênico da visão* (1910), *Tipos de adoecimento neurótico* (1912), *Introdução a psicanálise das neuroses de guerra* (1919) e *O Eu e o Isso* (1923).

No texto de 1910, Freud inaugura o primeiro dualismo pulsional sob a luz do conflito psíquico inerente ao impasse histórico. Partindo da hipótese do inconsciente e considerando a atuação de forças psíquicas antinômicas no funcionamento mental, ele aponta o recalque enquanto mecanismo que desempenha papel fundamental na vida psíquica. Em sua investigação sobre essas forças antinômicas, Freud opõe as pulsões sexuais às pulsões do Eu, trazendo que as neuroses derivam de fixações sexuais incompatíveis às construções civilizatórias, assim como do processo de transformação, supressão e sublimação dos elementos pulsionais malogram. O Eu, ameaçado, se desvia das exigências das pulsões sexuais por intermédio do recalque, as quais, contudo, podem levar não ao resultado esperado e sim à formação de substitutos para o conteúdo reprimido e a reações incômodas por parte do Eu, caracterizando, assim, os sintomas neuróticos. Em *Concepção psicanalítica do transtorno psicogênico da visão*, Freud afirma, portanto, o caráter dinâmico do funcionamento do psiquismo, na medida em que o sintoma da neurose aparece derivado do conflito pulsional. A formação dos sintomas é efeito de uma emergência do inconsciente. Ou seja, do inconsciente que escapa, e representa a falha do recalque.

Isto posto, fez-se possível caminhar em direção à classificação das causas que desencadeiam as enfermidades neuróticas. Em *Tipos de adoecimento neurótico* (1912), Freud salienta a constatação das pesquisas psicanalíticas de que a disposição neurótica se encontra vinculada à história do desenvolvimento da libido, a qual, por sua vez, remonta à constituição sexual e às influências do mundo externo que são experimentadas na infância. A primeira causa indicada por Freud nesta obra é a frustração. “O indivíduo era saudável, enquanto sua necessidade de amor era satisfeita por um objeto real no mundo externo; torna-se neurótico

assim que esse objeto lhe é retirado, sem que ache um substituto para ele.” (Freud, 1912, p.174). A frustração em seu efeito patogênico se dá na medida em que a libido é represada e, por conseguinte, o sujeito é submetido a uma elevação da tensão psíquica, necessitando desenvolver mecanismos para lidar com esse aumento. Por conta da persistente frustração com o mundo externo, a realidade se torna sem sentido para o indivíduo. Este se volta ao campo das fantasias, cria novas estruturas de desejo e revive traços de fantasias esquecidas (ibidem, p.177). A libido se torna, então, introvertida, podendo regredir às linhas infantis e fundando um conflito entre os esforços que lutam por objetivos que se coadunam às linhas infantis e aqueles que mantiveram sua relação com a realidade. O conflito apresenta sua solução na formação dos sintomas neuróticos, caracterizando o desencadeamento da doença manifesta. Logo, a frustração coloca em curso os fatores disposicionais, fazendo com que a neurose se manifeste ali onde estes se encontram presentes e são desenvolvidos intensamente.

Freud aponta, também, a psicopatologia neurótica enquanto consequência de dificuldades internas insuperáveis de obter a satisfação que se encontra acessível na realidade. As fixações anteriores de sua libido são demais poderosas para resistir a um deslocamento, acarretando mais uma vez o represamento desta e a formação dos sintomas. Outro tipo de desencadeamento ocorre devido a inibição no desenvolvimento, podendo ser considerado uma exageração da neurose derivada das exigências da realidade. Aqui, os fatores disposicionais são ainda mais evidentes, pois a libido nunca abandonou as fixações infantis e são justamente as tentativas de superar tais fixações que resultam a neurose. Outrossim, Freud indica as neuroses causadas por uma mudança relacionada ao momento em que o indivíduo atinge certo período de seu desenvolvimento, sobretudo a puberdade e a menopausa. Nesses casos, a quantidade de libido na economia psíquica é elevada por consequência de processos biológicos normais, o que pode perturbar o equilíbrio da saúde e causar a enfermidade neurótica.

Através dos tipos elencados no texto freudiano de 1912, é interessante perceber como as causas possíveis de desencadeamento se encontram, de algum modo, entrelaçadas umas às outras. Cair enfermo por conta de uma frustração corresponde também a certa incapacidade de adaptação à realidade, da mesma forma que desencadear uma neurose por consequência das exigências da realidade se refere a uma frustração. Pode-se dizer que a neurose é causada pela frustração, haja vista que o mundo externo poderia ter satisfeito as exigências libidinais, desde que a reivindicação destas fosse menor. Freud evidencia, portanto, a frustração enquanto fator comum e mais abrangente no desencadeamento da neurose, sendo imprescindível, em todos os casos, levar em consideração o fator quantitativo da relação entre a cota de libido em operação e aquela com a qual o Eu consegue lidar. As neuroses derivam desse conflito entre o Eu e a libido.

Diante dessa discussão, tornou-se viável adentrar o texto de 1919, no qual Freud se debruça sobre as chamadas neuroses de guerra. Ao descrevê-las, ele ressalta que as neuroses de guerra precisam ser consideradas traumáticas, visto serem tais enfermidades desencadeadas por um conflito no Eu. O conflito se configura “entre o velho Eu pacífico e o

novo Eu guerreiro dos soldados, e torna-se tão agudo tão logo o Eu-de-paz enxerga o enorme perigo de vida que lhe trazem as audácias de seu parasítico sócia recém-formado” (Freud, 1919, p.291). Nessas neuroses o Eu se encontra em fortes ameaças de liquidação e busca se defender dos perigos externos e daqueles que se encontram incorporados a uma forma assumida pelo próprio Eu. Traçando uma comparação, Freud diz que tanto nas neuroses de transferência, quanto nas neuroses de guerra, o Eu tem receio de ser prejudicado, estando a diferença entre essas psicopatologias no fato de que nas primeiras o inimigo ao qual o Eu se defende é a libido – com suas exigências ameaçadoras –, enquanto nas segundas o inimigo é a violência externa. Na tentativa de uma hipótese unificadora, ele destaca o recalque, que se faz presente no cerne do desencadeamento de cada neurose. Uma vez que as enfermidades neuróticas são provocadas enquanto reação ao trauma, toda neurose seria, então, uma neurose traumática elementar.

Por fim, procurou-se investigar o caráter estruturante do complexo de Édipo nas neuroses. Em *O Eu e o Isso* (1923), Freud apresenta sua segunda tópica, na qual o fator econômico passa a se destacar em relação aos fatores dinâmico e topológico. Conforme explicitado anteriormente, a formulação freudiana até o momento salientava o desencadeamento da neurose em torno do dualismo entre as pulsões sexuais e as pulsões do Eu. Essa instância psíquica era caracterizada por uma coerência racional, estando vinculada ao sistema superficial Pcp-Cs. O texto de 1923 apresenta como argumento central uma complexificação do Eu, de modo a se afastar da perspectiva de que este está relacionado somente à consciência e se aproximar da hipótese de que o Eu se articula às pulsões. Por conseguinte, altera-se também a concepção acerca do conflito psíquico, o qual passa a ser compreendido através da formulação metapsicológica que enfatiza o circuito pulsional. O Eu deixa de ser considerado apenas como agente capaz de intervir frente à exigência pulsional, estando ele próprio à serviço da pulsão. Tem-se, portanto, a concepção de que “também uma parte do Eu – e sabe deus quão importante é ela – pode ser ics, é certamente ics” (Freud, 1923, p.22).

Partindo dessa gradação do Eu, Freud se debruça sobre o papel da fase sexual dominada pelo complexo de Édipo, especialmente no que diz respeito à formação do Super-eu. O complexo de Édipo se origina com a intensificação dos desejos sexuais da criança pela mãe e a tomada do pai como obstáculo a essa relação. A anterior identificação com o pai é substituída pelo desejo de eliminá-lo, tendo em vista que somente dessa maneira seria possível tomar o seu lugar e substituí-lo junto à mãe. Pela impossibilidade inerente a própria estrutura do complexo, o investimento objetal na mãe necessita ser abandonado. Freud retoma, então, o conceito-chave da identificação, a qual consiste em um processo de alteração do Eu, com o estabelecimento de assimilações da libido residual nos objetos que antes eram investidos. Nessa perspectiva, a dissolução do complexo resulta uma identificação com o pai e uma identificação com a mãe, o peso dessas identificações sendo determinado pela disposição bissexual constitutiva do indivíduo. Ocorre, portanto, que a dissolução do complexo de Édipo tem como desfecho “um precipitado no Eu, consistindo no estabelecimento dessas duas identificações, de algum modo ajustadas uma à outra” (ibidem, p.42). Há uma alteração do Eu,

a qual, em relação ao restante desta instância psíquica, inaugura o Super-eu. Com essa inauguração, o Eu ao mesmo tempo se assenhora do complexo de Édipo e se submete ao Id, pois o Super-eu expressa tanto os impulsos, quanto os destinos libidinais do Id.

À vista disso, torna-se possível analisar de que maneiras a concepção do conflito psíquico e, conseqüentemente, do desencadeamento da neurose é aprimorada no decurso dos textos mencionados. Percebe-se, nessa trajetória, a relação entre a necessidade de uma certa maleabilidade da pulsão e o impasse neurótico, visto que somente com essa maleabilidade torna-se possível obter destinos pulsionais distintos das metas iniciais. As fixações revelam estagnações da libido, sendo a neurose desencadeada por tal rigidez libidinal. Evidencia-se, também, a tentativa freudiana de, através das neuroses de guerra, salientar que, em muitos casos, a realidade a ser enfrentada pode ser demasiadamente exigente. As chamadas neuroses de guerra, nesse sentido, caracterizam-se enquanto espécie de metáfora de neuroses graves, ou seja, aquelas que se mostram de difícil elaboração. Ainda, cabe ressaltar o caráter estruturante do complexo de Édipo nas psicopatologias neuróticas. Ele possibilita a diferenciação do Eu, um dos traços mais importantes da evolução do indivíduo e da espécie humana (ibidem, p.44). A segunda tópica apresenta o Super-eu como instância capaz de orientar criticamente as ações do Eu, enquanto ele mesmo parte de bases inconscientes para isso. Em *O Eu e o Isso* (1923), Freud afirma que é através da sexuação que a pulsão realiza um trabalho sobre ela mesma. Herdeiro do complexo de Édipo e responsável por introduzir no Eu os mais poderosos objetos, o Super-eu recorda o tempo de dependência do Eu, assim como mantém sua influência sobre o Eu diferenciado. Nesse sentido, a tensão entre as expectativas da consciência e as realizações do Eu – os tensionamento entre Eu e Super-eu – refletem a oposição entre a realidade e o psíquico. Ou seja, entre mundo exterior e mundo interior, conferindo um olhar mais complexo ao desencadeamento de uma neurose.

BIBLIOGRAFIA

FREUD, S. (1910). Concepção psicanalítica do transtorno psicogênico da visão. In: FREUD, S. (Autor). *Observações sobre um caso de neurose obsessiva [“O Homem dos ratos”], uma recordação de infância de Leonardo da Vinci e outros textos*. São Paulo: Companhia das Letras, 2013, v.9, p. 241-249.

FREUD, S. (1912). Tipos de adoecimento neurótico. In: FREUD, S. (Autor). *Observações psicanalíticas sobre um caso de paranoia relatado em autobiografia [O caso Schreber], artigos sobre técnica e outros textos*. São Paulo: Companhia das Letras, 2010, v.10, p. 173-181.

FREUD, S. (1919). Introdução a psicanálise das neuroses de guerra. In: FREUD, S. (Autor). *História de uma neurose infantil [“O Homem dos lobos”], Além do princípio do prazer e outros textos*. São Paulo: Companhia das Letras, 2010, v.14, p. 288-292.

FREUD, S. (1923). O Eu e o Id. In: FREUD, S. (Autor). *O Eu e o Id, "Autobiografia" e outros textos*. São Paulo: Companhia das Letras, 2011, v.16, p. 13-74.